

## OTTO RENÉ CASTILLO: O sonho e o martírio de um poeta

Manoel de Andrade



Em meados de 1969, um exilado político guatemalteco me contou, em Santiago do Chile, a incrível história de um poeta queimado vivo em seu país. Em fins de 1970, quando de minha passagem pela Nicarágua, alguns intelectuais de esquerda e militantes sandinistas também comentaram sobre o poeta-guerrilheiro Otto René Castillo, supliciado até a morte pela ditadura da

Guatemala, em 1967. Mas foi com os relatos dos poetas salvadorenhos que passei a construir a imagem heroica desse grande revolucionário.

### A geração comprometida

Cheguei em San Salvador em janeiro de 1971 e, pelas referências que levava, de pronto fiz contato com alguns poetas salvadorenhos. A poesia borbulhava na Capital e uma jovem geração de excelentes poetas comandava a vida intelectual do país. Conheci alguns deles e partilhei bons momentos de literatura, política e debate ideológico com Manlio Argueta, José Roberto Cea, Roberto Armijo, o veterano Tirso Canales e o mais jovem deles, Alfonso Quijada Urias. Todos, na época, na média dos 30 anos e quase todos com várias premiações em diversos certames literários centro-americanos. Esses poetas, – integrantes de um grupo de brilhantes poetas, que ficou conhecido como a “Geração Comprometida” – alistaram seus versos nas trincheiras das lutas sociais e muitos deles foram perseguidos, encarcerados, torturados e exilados por empunhar a bandeira de um dos povos mais oprimidos e massacrados da América. Guardo há quarenta anos as palavras fraternas que Tirso Canales escreveu ao me presentear a coletânea poética *De aquí em adelante*, onde partilha suas 200 páginas com Argueta, Armijo, Cea e Quijada Urias. Foram ele e Manlio Argueta que me falaram da solidária relação ideológica e literária que os ligou a Otto René Castillo em San Salvador, onde chegou exilado, em 1954, após o golpe do coronel Carlos Castillo Armas contra o governo democrático de Jacobo Arbenz, na Guatemala.

### 1º Exílio: El Salvador

Filho de uma família de classe média, Otto René Castillo nasceu em 1936 em Quetzaltenango, a segunda cidade do país. Sua precoce militância estudantil e revolucionária o obriga, com apenas 18 anos, a fugir da Guatemala e asilar-se em El Salvador, onde sobrevive trabalhando como vigia, pintor de parede e vendedor de livros. Apesar das dificuldades, ingressa na Universidade e entra numa fecunda fase de organização política e produção poética, despertando a atenção dos círculos de cultura salvadorenha ao ganhar, com apenas 19 anos, o Prêmio Centro-Americano de Poesia, o qual lhe abre as portas da imprensa para a publicação de seus poemas. Sua poesia dessa época traz a marca de uma profunda nostalgia da pátria, cantando a dor de seu povo oprimido e a condição em que sobreviviam as comunidades indígenas, secularmente exploradas pelas oligarquias agrárias e as grandes empresas bananeiras norte-americanas. Seus poemas a Atanásio Tzul cantam a saga histórica desse grande líder indígena contra o colonialismo espanhol na região. Apesar da sua juventude, revela-se um intelectual influente, enfatizando a necessidade de engajamento da arte e da literatura com as circunstâncias político-sociais por que passava o cenário centro-americano da época, governado pelos títeres do imperialismo norte-americano, como os Somosas, Duvaliers, Trujillos etc. Com esse espírito, desfralda a bandeira da poesia com as cores das lutas sociais, seguindo os sulcos das primeiras trincheiras poéticas abertas no Continente, por César Vallejo, Miguel Hernandez, Nicolas Guillén e Pablo Neruda.

Seus três anos de exílio em El Salvador foram assinalados por uma intensa atividade política e literária. Nesse período, por várias vezes cruzou clandestinamente as fronteiras da pátria para manter-se informado dos planos revolucionários, cujas sementes de justiça social e liberdade germinariam alguns anos depois, nos embates da longa Guerra Civil que, por 36 anos, mergulharia o país nas águas sangrentas de um imenso massacre social. Com uma marcante personalidade, aberto, envolvente e apaixonado pela vida, sua figura humana deixou um rastro indelével entre a juventude salvadorenha da época, onde fundou, em 1956 – com Manlio Argueta, Roberto Armijo e o lendário poeta-guerrilheiro Roque Dalton, seu íntimo amigo – o Círculo Literário Universitário. Esse grupo tinha como lema a frase “No hay estética sin ética”. Contava, segundo Argueta, entre seus conselheiros, com Miguel Angel Astúrias, na época embaixador da Guatemala em El Salvador, cuja obra, galardoada com o Nobel de Literatura em 1967, circulava naqueles anos, combinando a grandeza da cultura maia com o protesto e a denúncia das atrocidades cometidas pelo ditador guatemalteco Manuel Estrada Carrera.

### **Alemanha: Estudos de Letras e Cinema**

Com o assassinato do ditador Castillo Armas, em 1957, Otto regressa no ano seguinte à Guatemala, onde inicia o curso de Direito na Universidade de São Carlos, que o distingue com o prêmio “Filadelfo Salazar” de melhor estudante e uma bolsa para estudar na República Democrática Alemã. Dois anos depois, inicia seus estudos de Letras em Leipzig mas, em 1962, interrompe a vida acadêmica para estudar cinema na Brigada de Joris Ivens,

cineasta holandês que comandava um grupo de filmagens para divulgar as lutas de liberação latino-americana.<sup>1</sup>

Na época, era grande o interesse dos jovens intelectuais europeus em testemunhar e documentar um fenômeno histórico com tanta riqueza social e política como o que estava acontecendo na América Latina. Encontrei muitos deles ao longo dos caminhos da América e, dentre tantos, recordo minha bela amizade, em La Paz, com o cineasta italiano Franco Lazaretti, da RAI - Rádio e Televisão Italiana, quando filmava, em maio de 1970, um documentário sobre o indígena boliviano.<sup>2</sup>

## **A América revolucionária na década de 60**

Na década de 60, ao longo das Américas, as vanguardas revolucionárias começaram a cavar as primeiras trincheiras de luta herdadas da Revolução Cubana que ao sul foram abertas pelos tupamaros uruguaios e atravessaram a Cordilheira para unir comunistas e socialistas nos quadros chilenos do MIR (Movimento de Esquerda Revolucionária). Subindo o Continente pela floresta boliviana, onde, em 1967, transitava a coluna de Che Guevara, essas trincheiras, quatro anos antes, já haviam cortado o Peru pelo vale do Cuzco, onde a guerrilha trotskista do agrônomo Hugo Blanco – e onde morreu, aos 21 anos, o grande poeta Javier Heraud – levantava a bandeira dos camponeses secularmente oprimidos pelos grandes latifúndios. Foi também essa bandeira que motivou o padre colombiano Camilo Torres a trocar a batina pelo fuzil e levou Douglas Bravo a tantas façanhas nos estados venezuelanos de Falcón e Mérida. Com esse mesmo grito de combate em 1967, os sandinistas declararam guerra aberta ao somozismo, na Nicarágua, e seus ecos continentais eram ouvidos além das fronteiras da Guatemala, ressoando até a guerrilha de Genaro Vasquez, no estado mexicano de Guerrero.

## **2º Exílio: Europa e missão cultural internacional**

Atraído por esse contagiante espírito de luta continental, Otto René Castillo, ao terminar seus estudos na Alemanha, regressa em 1964 a seu país, reiniciando sua apaixonada militância política e cultural ao partilhar as atividades clandestinas da luta armada com a direção do Teatro Municipal da Cidade de Guatemala. Contudo, no ano seguinte, quando se preparava para filmar, nas montanhas, as atividades guerrilheiras das Forças Armadas Rebeldes (FAR), é preso e novamente enviado para o exílio. Pela sua capacidade e coerência ideológica, as organizações revolucionárias da Guatemala o nomeiam representante do país no Comitê Organizador do Festival Mundial da Juventude, a realizar-se na Argélia e, com essa missão, percorre a Alemanha, Áustria, Hungria, Chipre, Argélia e Cuba, onde se detém por alguns meses a fim de vivenciar toda a rica experiência social e política com que a Revolução Cubana instalava o socialismo no país.

## **O retorno – o problema agrário – a Guerra Civil**

Em 1966, ao se iniciar a Guerra Civil, Otto René Castillo retorna clandestinamente à Guatemala para integrar-se na luta patriótica contra a oligarquia agrária e a cobiça estrangeira instalada em seu país. Identificado com o passado glorioso de seu povo – cuja feição cultural fora despedaçada pelo colonialismo espanhol e humilhada pela sociedade *criolla* – seu sonho era ver uma Guatemala livre do domínio interno e externo e a maioria indígena integrada às suas raízes e à cidadania nacional. Mas encontra a soberania da pátria hipotecada pelos interesses comerciais das grandes companhias norte-americanas.

Quando passei pela Guatemala, em janeiro de 1971, qualquer análise que se fizesse sobre os conflitos sociais que assoberbavam a região levava diretamente ao problema agrário e, nesse “território”, o *trust* bananeiro United Fruit era visto como um estado dentro do estado. Enquanto 266.000 pequenas propriedades cultivavam tão somente 9% da área agrícola do país, mais de 40% da superfície agrária era ocupada pelos latifúndios de apenas 158 grandes proprietários e, neste contexto, o império territorial da United Fruit Company ocupava 25% de toda a terra produtiva da nação.<sup>3</sup> Esses dados, por si só, falam com eloquência das causas que levaram o país a uma Guerra Civil tão cruel. A repressão política interna e o domínio econômico externo eram as faces de uma mesma moeda com que se pagava a extrema miséria do povo. Foi esse poder “invisível” que derrubou o governo de Jacobo Arbenz, em 1954. Com o apoio da oligarquia agrária, a expedição mercenária de Castillo Armas planejada, em Honduras, pela Companhia United Fruit, a CIA e o Secretário de Estado americano John Foster Dulles – que, anos antes, fora um dos advogados da Companhia – não tinha outro objetivo militar senão impedir que Arbenz fizesse a reforma agrária como se propunha. Como se sabe, a Guerra Civil que daí surgiu foi um conflito longo e sangrento que se arrastou de 1960 a 1996, quando os governos militares e os movimentos guerrilheiros se envolveram numa luta onde os mortos e desaparecidos somaram cerca de 300 mil pessoas.

### **O engajamento revolucionário**

Assim, ao chegar à Guatemala em 1966, Otto René Castillo retoma a bandeira pela dignidade do seu povo. De uma pátria onde 90% da população não tinha terra para semear sua própria sobrevivência. Uma pátria de excluídos, socialmente abandonados à própria sorte e onde 70% de seus irmãos não aprendera a ler. Ele sabia que sem a guerra ninguém iria repartir a terra. E é nesse impasse na história de seu povo que incorpora-se às Forças Armadas Rebeldes (FAR), comandadas por César Montes, ocupando-se do setor de Propaganda e Educação da Frente Edgar Ibarra. Cerca de um ano depois, em março de 1967, quando parte da Frente deslocava-se pelo relevo selvagem, no leste montanhoso do país, confrontou-se com inimigos fortemente armados e, nesse combate, caiu Otto René Castillo e sua companheira, a guerrilheira Nora Páiz. O enfrentamento se deu em Sierra de las Minas, entre a coluna guerrilheira e as tropas mercenárias do governo de Julio César Méndez Montenegro. Conta-se que, nesse embate, somente teria sobrevivido Pablo

Monsanto que, cerca de 40 anos depois, disputou, pelas forças de esquerda, a presidência do país.

### **O suplício e a morte**

Otto René Castillo foi levado para uma base militar na cidade de Zacapa e ali barbaramente torturado e mutilado. Como manteve heroicamente o silêncio sem entregar qualquer informação sobre os quadros da organização, um capitão do exército, enquanto recitava debochadamente os versos do seu poema ***Vámonos pátria a caminar***, ia cortando seu rosto com uma lâmina de barbear. Diante de seu silêncio, passaram a queimá-los vivos – o poeta e Nora, seu amor – entre os dias 19 a 23 de março, martirizados num lento suplício, inenarrável na expressão humana. O poeta e ensaísta salvadoreño Roque Dalton descreveu com as seguintes palavras os últimos momentos de seu camarada: *“Seus próprios verdugos testemunharam sua coerência e sua coragem ante o inimigo, à tortura e à morte: morreu como um inquebrantável lutador revolucionário, sem ceder um milímetro no interrogatório, reafirmando seus princípios embasados no marxismo-leninismo, em seu fervente patriotismo guatemalteco e internacional, em seu convencimento de estar seguindo – por sobre todos os riscos e derrotas temporais – o único caminho verdadeiramente libertário para nossos povos, o caminho da luta armada popular.”*

### **O poeta**

Assim, aos 31 anos, foi silenciada uma das mais belas vozes da poesia latino-americana, muito antes que seu potencial poético pudesse amadurecer ainda mais seu lirismo e seu imenso compromisso político com a história de sua amada Guatemala. Um sonho libertário, regado com o rocío da esperança, comandou sua curta existência. Vivia somente para esse sonho. Guardado como um tesouro no sacrário da alma, sua força misteriosa inundou seus versos com o amor pela pátria e por seu povo:

**Pequeña patria mía, dulce tormenta,  
un litoral de amor elevan mis pupilas  
y la garganta se me llena de silvestre alegría  
cuando digo patria, obrero, golondrina.  
Es que tengo mil años de amanecer agonizando  
y acostarme cadáver sobre tu nombre inmenso,  
flotante sobre todos los alientos libertarios,  
Guatemala, diciendo patria mía, pequeña campesina.  
(...)Pequeña patria, dulce tormenta mía,  
canto ubicado en mi garganta  
desde los siglos del maíz rebelde:  
tengo mil años de llevar tu nombre  
como un pequeño corazón futuro  
cuyas alas comienzan a abrirse a la mañana.(...)**

(fragmento)<sup>4</sup>

Sua obra poética é reconhecida e celebrada em seu país e se projeta atualmente para o exterior. No ano de 1964 publicou o livro *Tecún Umán*. Seu grande poema *Vámonos Pátria a caminar*, deu título, em 1965, a uma coletânea de poemas, muitos deles escritos na prisão e que, em 1968, foram editados no México, com prólogo de seu antigo comandante César Montes. Alguns catálogos editoriais apresentam o poemário *Informe de una injusticia*, publicado em 1975 e que dá título a um dos poemas publicados no livro *Vámonos Pátria a caminar*. Depois de sua morte, um familiar seu, residente na Alemanha, encaminhou a Roque Dalton uma grande quantidade de poemas escritos nos anos que precederam sua morte.

Além dos vários prêmios recebidos em concursos centro-americanos, sua poesia recebeu, em 1957, o prêmio Internacional de Poesia de Budapeste; em 1958 lhe outorgaram o prêmio Filadelfo Salazar, da Universidade de São Carlos da Guatemala e posteriormente uma antologia de sua obra, chamada *Poemas*, recebeu o importante prêmio *Casa de las Américas*, em Havana. Seus versos bebem, com o sabor das metáforas, a seiva das raízes culturais do seu povo, indígena e explorado. Canta para não deixá-lo morrer; canta para que seu nome se enrede no mar e nas estrelas e sobreviva palpitante no seu grito.

**(...)Para que nadie diga: ¡tierra mía!,  
con toda la decisión de la nostalgia:  
canto.  
Por lo que no debe morir, tu pueblo:  
canto  
Me lanzo a caminar sobre mi voz para decirte:  
tú, interrogación de frutas y mariposas silvestres,  
no perderás el paso en los andamios de mi grito,  
porque hay un maya alfarero en tu corazón,  
que bajo el mar, adentro de la estrella,  
humeando en las raíces, palpitando mundo,  
enreda tu nombre en mis palabras (...)**

Nuestra voz (fragmento)<sup>5</sup>

Toda a sua poesia é, por vezes, um radical ato de denúncia, como no poema "O Túmulo de Deus", onde ele canta a sorte desigual das criaturas e a ironia com que a justiça humana julga o oprimido e o opressor. Mas sua poesia é também um comovente gesto de amor pela vida. Cantam o amor, mas o amor sublimado por um sonho libertário, o amor despojado pelo engajamento. O amor pela mulher amada que se desfralda empunhando com ela a mesma bandeira da justiça e da liberdade.

**(...)Pero a tí te quiero.  
No por bella que eres.**

**Ni por lo fluvial de tus ojos,  
cuando ven que voy y vengo,  
buscando, como un ciego, el color  
que se me ha perdido en la memoria.  
Ni por lo salvaje de tu cuerpo indomable.  
Ni por la rosa de fuego, que se entrega  
cuando la levanto del fondo de la sangre  
con las manos jardineras de mis besos.  
A tí te quiero, porque eres la mía.  
La compañera que la vida me dió,  
para ir luchando por el mundo.(...)**

*Respuesta* (fragmento)<sup>6</sup>

Em meados de 1971, num encontro com o escritor equatoriano Miguel Donoso Pareja, na Cidade do México, onde se exilara desde 1964, recebi um exemplar de seu último livro, “**Poesia Rebelde de América**”, um adensado volume de 400 páginas, lançado naqueles dias na capital mexicana.<sup>7</sup> Ao longo do índice, 24 países do Continente perfilavam-se, alfabeticamente, nos cantos de mais de uma centena de poetas. Ali estava o Brasil, honrado com os versos de Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira, Vinícius de Moraes, Thiago de Mello, Affonso Romano de Sant’Anna, Ferreira Gullar, entre outros. Nesse elenco de tantos nomes, alguns dos quais eu conhecera ao longo dos caminhos da América, três grandes poetas representavam a heroica Guatemala: Otto-Raúl Gonzalez, Marco António Flores e Otto René Castillo. Que surpresa! Apesar da sua juventude e dos quatro anos de sua morte a poesia de René Castillo já cruzava as fronteiras da pátria para alinhar-se a dos maiores poetas da América. Donoso escolhera o poema “Viudo del mundo”, escrito por Otto ante a patética certeza de sua morte iminente e por declinar, em cada verso, sua inalterável coragem e a imensa esperança com que lhe “hubiera gustado llegar hasta el final”:

**Compañeros míos  
yo cumplo mi papel  
luchando  
con lo mejor que tengo.  
Que lástima que tuviera  
vida tan pequeña,  
para tragedia tan grande  
y para tanto trabajo.  
No me apena dejaros.  
Con vosotros queda mi esperanza.**

**Sabeis,  
me hubiera gustado  
llegar hasta el final  
de todos estos ajetreos  
con vosotros,**

**en médio de júbilo  
tan alto. Lo imagino  
y no quisiera marcharme.  
Pero lo sé, oscuramente  
me lo dice la sangre  
con su tímida voz,  
que muy pronto  
quedaré viudo del mundo.**

*Viudo del mundo*<sup>8</sup>

### **O Herói nacional**

Sua saga como combatente e a entrega de sua vida como aval de um postulado teórico, fizeram deste grande poeta um herói nacional. Seu nome hoje é uma referência histórica na Guatemala, quer pela beleza de sua poesia, quer pela imagem do seu comprometimento político aureolado com a coroa do martírio. E foi pelo mistério da poesia que ele, de certa forma, predisse o seu próprio destino:

**Vámonos patria a caminar, yo te acompaño  
Yo bajaré los abismos que me digas.  
Yo beberé tus cálices amargos.  
Yo me quedaré ciego para que tengas ojos.  
Yo me quedaré sin voz para que tú cantes.  
Yo he de morir para que tú no mueras,  
para que emerja tu rostro flameando al horizonte  
de cada flor que nazca de mis huesos.(...)**

(fragmento)<sup>9</sup>

Este seu poema, *Vámonos patria a caminar*, é hoje uma legenda na memória do povo guatemalteco. Conta-se que, durante os horrores da Guerra Civil, seus versos, iluminados pelo sonho libertário, foram como um farol naquela imensa noite de tempestade e que era cantado pelo povo como hino de luta contra a opressão das ditaduras militares.<sup>1</sup>

Sua bravura como combatente, foi reconhecida já na década de 80, quando o Exército Revolucionário dos Pobres, – organização guerrilheira surgida na década de 70 como uma dissidência das FAR – dirigido pelo Comandante Rolando Morán e que, na época, contava com cerca de 250.000 combatentes, deu a uma de suas frentes guerrilheiras urbanas o nome de Otto René Castillo, a par de outros nomes como Che Guevara, Sandino e Ho Chi Mihn.

## Tributo do autor

Em outubro de 1969 escrevi em Cochabamba um longo poema chamado "*O sonho do semeador*" onde tributo, em meu livro *Poemas para a Liberdade*, uma solidária homenagem a este grande poeta:

**Poetas da América...  
nós que herdamos a canção continental de Whitman,  
e o *homem sincero* nos versos de Martí.  
(...)Nós que escutamos ainda próximo  
o eco colombiano de Gaitán,  
e a sinfonia altiplânica no verso maior de Vallejo.  
Nós que hoje cantamos com Guillén, com Neruda e Benedetti  
e que daqui evocamos a Otto René Castillo,  
poeta e combatente,  
martirizado na fogueira acesa por Méndez Montenegro.  
Salve hermano, memória heróica na massacrada Guatemala,  
eu te saúdo *hasta siempre* com o lirismo dos meus versos  
e digo contigo: *Vámonos, todos con la patria a caminar.*(...)**

(fragmento)

## Otto René Castillo e Che Guevara: Juntos???

Finalmente, vale a pena fazer aqui uma curiosa conjectura. Em 1954 o médico argentino Ernesto Guevara de la Serna estava na Capital da Guatemala participando do governo revolucionário de Arbenz, no Instituto Nacional de Reforma Agrária. Naquele ano, ele e o Comandante guerrilheiro Rolando Morán fizeram uma amizade que duraria até a morte do "Che" na Bolívia. Sabemos que, neste mesmo período, Otto René Castillo também transitava na Cidade de Guatemala como militante do Partido Guatemalteco do Trabalho (nome do Partido Comunista) e que, em 1953, um ano antes do golpe contra Arbenz, participava ativamente da vida estudantil na Capital do país. Naquele ano, foi nomeado presidente da Associação dos Estudantes Secundários. Em face das afinidades ideológicas, já que tanto Ernesto como Otto tiveram que deixar o país depois do golpe, perguntamos se, naquela época, ambos defensores do governo revolucionário de Arbenz, não tenham partilhado algum relacionamento pessoal, ainda que Otto tivesse 18 anos e Ernesto 26. Quem sabe os futuros biógrafos do poeta possam levantar esta mesma hipótese.

O que, com certeza, se pode afirmar é que o golpe militar contra o governo democrático de Arbenz deixou em ambos uma mesma opção, expressa na militância armada que marcaria o resto de suas vidas, até que fossem assassinados no ano de 1967: a convicção de que as transformações

revolucionárias nas estruturais sociais dos países latino-americanos não seriam possíveis pelas vias pacíficas.<sup>10</sup>

Curitiba, maio de 2009

---

## Notas, referências e traduções

1. Era uma honra para poucos fazer parte das Brigadas de Joris Ivens, naquela época já celebrizado por uma série de filmes e documentários, considerados verdadeiras obras primas do cinema. Uma delas, o clássico "Terra de Espanha", foi rodado em 1937 – escrito e narrado por Ernest Hemingway e com o apoio de grandes intelectuais de esquerda, como John dos Passos e Luis Buñuel – para financiar as Brigadas Internacionais, formadas, sobretudo, por voluntários franceses, alemães e norte-americanos, que lutavam contra o franquismo na Guerra Civil Espanhola. Comunista sem partido e considerado um dos mais importantes documentaristas da história do cinema, Joris Ivens sempre direcionou sua câmera para valorizar a condição humana, a importância da Natureza e, sobretudo, o significado das lutas sociais contra a opressão e as injustiças.

2. Nesse sentido, o exemplo mais marcante foi deixado pelo filósofo e jornalista francês Régis Debray – pai da teoria do foco guerrilheiro – que, ainda muito jovem, conheceu, no início dos anos sessenta, a guerrilha venezuelana de Douglas Bravo, acompanhou o processo de instauração da Revolução Cubana e se tornou amigo de Fidel Castro e de Che Guevara, com quem esteve em Nanchuazú em 1967 e, ao sair, foi preso, "julgado" e condenado à prisão na cidade boliviana de Camiri, onde o autor deste texto tentou entrevistá-lo em abril de 1970.

3. Enrique Ruiz García, *América Latina Hoy*, Ediciones Guadarrama, Madrid, 1971

4. *A tradução deste e dos demais fragmentos poéticos foi feita pelo autor do texto.*

Pequena pátria minha, doce tormenta, / um litoral de amor elevam minhas pupilas/ e a garganta me enche de silvestre alegria/ quando digo pátria, operário, andorinha. / É que tenho mil anos de amanhecer agonizando / e adormeço como um cadáver sobre teu corpo imenso, / flutuando sobre todos os alentos libertários, / Guatemala, dizendo pátria minha, pequena camponesa. / (...) Pequena pátria, doce tormenta minha, / canto situado em minha garganta/ desde os séculos do milho rebelde: / tenho mil anos em carregar teu nome / como um pequeno coração futuro / cujas asas começam a abrir-se ao amanhecer.

5. Para que ninguém diga: terra minha!, / com toda a força da saudade:/ canto. / Por que não deve morrer, teu povo: / canto / Lanço-me a caminhar

sobre minha voz para dizer-te: / tu, interrogação de frutas e mariposas silvestres, / não perderás o passo nos andaimes do meu grito, / porque existe um oleiro maia no teu coração, / que sob o mar e no seio das estrelas, / fumegando nas raízes, palpitando pelo mundo, / enreda teu nome em minhas palavras.

6. Mas a ti eu quero. / Não por bela que és. / Nem pelo fluvial dos teus olhos, / quando vêm que vou e venho, / buscando, como um cego, a cor / que se tenha perdido na memória. / Nem por teu corpo selvagem e indomável. / Nem pela rosa de fogo, que se entrega / quando a levanto do fundo do seu sangue / com as mãos jardineiras dos meus beijos. / A ti eu quero, porque és a minha/ A companheira que a vida me deu, /para ir lutando pelo mundo.

7. Miguel Donoso Pareja, *Poesia Rebelde de América*, Editorial Extemponáneos, México, 1971

8. Companheiros/ cumpro meu papel/ lutando/ com o melhor que tenho./ Que lástima eu ter/ uma vida tão pequena,/ para tragédia tão grande/ e para tanto trabalho. Não sinto pena em deixá-los./ Com vocês fica minha esperança./ Sabeis,/ me houvera gostado/ chegar até o final/ de todos estes encontros/ com vocês/ em meio a júbilo/ tão alto. Eu o imagino/ e não quisera partir./ Mas eu sei, sombriamente/ me revela o sangue/ com sua tímida voz,/ que em breve/ ficarei viúvo do mundo.

9. Vamos pátria a caminhar, eu te acompanho / Eu descerei aos abismos que me digas. /Eu beberei teus cálices amargos./ Eu ficarei cego para que tenhas olhos./ Ficarei sem voz para que tu cantes. / Hei de morrer para que tu não morras, / para que surja teu rosto flamejante no horizonte / de cada flor que nasça dos meus ossos.

10. Talvez algo semelhante ao significado de protesto e símbolo de luta que teve, aqui no Brasil, a canção "Pra não dizer que não falei das flores", de Geraldo Vandré.

11. Enrique Ruiz García, *op.cit.*

---